

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Julio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes - Campus São Paulo

Cecilia Rachel Loscheck de Sousa

HISTÓRIAS DA VIDA NA EDUCAÇÃO

São
Paulo
2023

CECILIA RACHEL LOSCHECK DE SOUSA

HISTÓRIAS DA VIDA NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Artes da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciada em Arte-Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli
Coorientador: Prof. Me. Felipe Augusto Michelini da Silva
Profa. Dra. Natália Tazinazzo Figueira

São Paulo
2023

CECILIA RACHEL LOSCHECK DE SOUSA

HISTÓRIAS DA VIDA NA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Artes da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), como
requisito parcial para obtenção do título de
licenciada em Arte-Teatro.

Trabalho de conclusão de curso aprovado em: _/_/_

Banca Examinadora

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” IA/UNESP – Orientadora

Prof. Me. Felipe Augusto Michelini da Silva

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” IA/UNESP – Co-orientador

Profa. Dra. Natália Tazinazzo Figueira

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” IA/UNESP – Co-orientadora

Profa. Dra. Carmina Mendes André

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” IA/UNESP

DEDICATÓRIA

Ao meu eu criança e todos os educadores e educadoras que me permitiram e incentivaram a guardá-la e cultivá-la dentro de mim até hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a presença etérea de minhas avós como impulsionadoras deste trabalho desde o princípio. Agradeço aos meus irmãos, eternos companheiros. Agradeço aos meus pais, por tantas infinitas atitudes e olhares fortificantes que não cabem aqui. Agradeço àqueles que pensam a graduação ao meu lado, meus amigos e amigas deste Instituto de Artes. E agradeço também a todos os educadores e educadoras que fizeram parte desse trabalho, principalmente Felipe e Natália, que me acompanharam com muita paciência, carinho e sabedoria nessa façanha de contar histórias da vida na academia.

RESUMO

Esse trabalho de Conclusão de Curso tem o formato de revista e traz questionamentos acerca das histórias da vida e os seus efeitos na estrutura das instituições de educação formal, desde a Educação Infantil até a graduação. Ele apresenta histórias pessoais acompanhadas de ilustrações autorais, entrelaçando relatos da autora com histórias de diferentes educadores e não educadores. Ademais, propõe-se a pensar sobre como essas histórias e as individualidades dos sujeitos que constroem a educação são importantes para o processo de ensino-aprendizagem, refletindo sobre o lugar ocupado pelos educandos e arte-educadoras neste processo e os caminhos para uma educação mais sensível aos conceitos de valorização das histórias de vida no percurso educativo, o tempo e o espaço da aprendizagem.

Palavras-chave: histórias da vida; educação formal; educação infantil; ensino-aprendizagem; relatos.

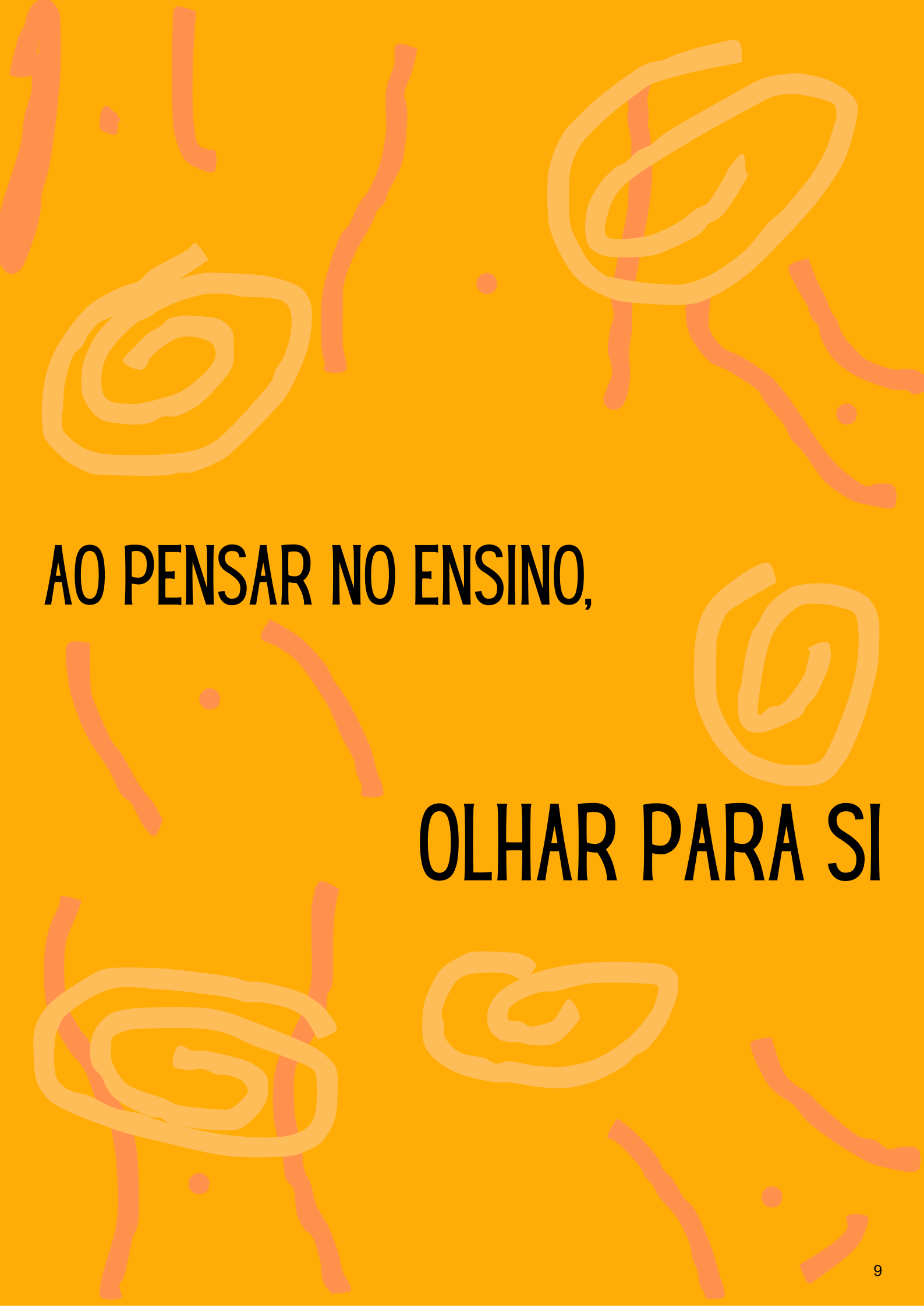
ABSTRACT

This Term Paper is in the format of a magazine and raises questions about life stories and their effects on the structure of formal education institutions, from early childhood education to graduation. It presents personal stories accompanied by authorial illustrations, interweaving the author's stories with those of different educators. Furthermore, it proposes to think about how these stories and the individualities of the subjects who build education are important for the teaching-learning process, reflecting on the place occupied by students and art educators in this process and the paths towards an education that is more sensitive to the concepts of valuing life stories in the educational path, the time and space of learning.

Keywords: life stories; formal education; early childhood education; teaching-learning; personal stories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: AO PENSAR NO ENSINO, OLHAR PARA SI	09
O FORMATO DO TRABALHO E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	21
O INÍCIO DA VIDA NA ESCOLA: A EDUCAÇÃO INFANTIL E A VALORIZAÇÃO DO INDIVÍDUO	24
O CAMINHO DA EDUCAÇÃO FORMAL: COMO A ESCOLA E A UNIVERSIDADE LIDAM COM AS HISTÓRIAS QUE AS PERPASSAM?	32
COMO A EDUCADORA LIDA COM AS HISTÓRIAS NA SALA DE AULA?	40
POR PENSAR NOVAS FORMAS DE EDUCAÇÃO	47



AO PENSAR NO ENSINO,

OLHAR PARA SI

INTRODUÇÃO

Quando se faz uma rápida busca virtual, a palavra introdução apresenta o significado de ser um breve texto que explica ou apresenta determinada obra a seus possíveis leitores. Parece justo, então, começar a explicação desse trabalho de conclusão de curso explicitando primeiro quem eu sou e posteriormente os motivos da escolha do tema que gerou essas tantas páginas.

Eu me chamo Cecília. Nome também de minha bisavó. Cecilia Rachel, para ser diferente.

Quem eu sou?

Meu pai sempre me contou que quando me conheceu na UTI, minha mãe lutava pela própria vida em um quarto ao lado e no rádio próximo a mim tocava “Yellow” de Coldplay. A música me dizia que as estrelas eram amarelas e brilhavam para mim. Do meu pai aprendi o olhar para arte e para a beleza das coisas singelas, de minha mãe aprendi a luta, a coragem e o poder das escolhas. De amarelo eu tenho as estrelas que me guiam. Sei que “Amar é um elo, entre o azul e o amarelo”, de Paulo Leminski. E o AmarElo de Emicida, que me lembra que “Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”. Faz mais de 20 anos que tento descobrir quem sou. Sou uma mulher de baixa estatura, meu cabelo tem vida própria e decide a cada dia se quer ser cacheado, liso ou ondulado. Uso óculos desde criança e sonhava em me tornar algumas coisas, mas artista e professora não eram nenhuma delas. Dentre minhas amigas e colegas na escola, sempre fui chamada de morena ou bronzeada. Já ouvi pessoas brancas falando que não sou branca e já ouvi pessoas pretas falando que não sou preta. Essas dúvidas fazem parte de quem eu sou. Mas tem também muita vontade de conhecer e descobrir. Hoje eu sou artista e educadora em construção. Mulher em construção. E as dúvidas nunca acabam. Eu sou filha de Deborah e José, isso com toda a

certeza. Fui criada com muito amor por eles e por minha tia Alcione, outra mãe que a vida me colocou no caminho. Disso eu sei também. Iniciei minha vida na universidade em 2020, quando fui convocada no vestibular de Licenciatura em Arte-teatro no Instituto de Artes da Unesp. Tive apenas duas semanas de aula, quando a pandemia do Covid-19 modificou os planos e sonhos dos estudantes que haviam acabado de ingressar na faculdade. Nos anos difíceis de 2020 e 2021, tive aulas apenas online e participei do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência(PIBD) também online, sendo esta minha primeira e enriquecedora experiência como arte-educadora. Já em 2021 iniciei um estágio em uma escola particular auxiliando projetos de artes e língua portuguesa, enquanto ainda era integrante do PIBID. Nesses espaços, tive a oportunidade de conhecer educadores e educadoras que me ensinaram muito. Em 2022, larguei o estágio na escola particular para que pudesse assumir um cargo na educação infantil em uma creche municipal de Praia Grande-SP, onde me apaixonei por crianças e bebês e trabalho até hoje. Foi nesse ano também que as aulas presenciais na faculdade voltaram. É relevante dizer aqui que a pandemia só alastrou e agravou o crescente sucateamento que vinha acontecendo nas universidades públicas do país, e desde que entrei na Unesp, a falta de professores e estrutura é uma realidade que só vem piorando. Esse Trabalho de Conclusão de Curso nasceu também devido a esse sucateamento e à pressão de que os estudantes ingressantes de 2020 fizessem-o em seu quarto ano para que não corressem o risco de não haver orientadores suficientes caso o fizessem depois. Apesar disso, essa pesquisa está sendo feita com muita vontade, dedicação e amor. Essa é a minha história, mas virão muitas mais por aí.

Agora que já sou parte conhecida desse trabalho e o cenário que o gerou também, esse texto iniciará com uma pergunta, feita por e para mim quando decidi pesquisar sobre a potência das histórias de vida e quais seus efeitos na educação e nas arte-educadoras.

“POR QUE pensar e falar sobre as histórias de vida na educação?”

Só consegui responder essa pergunta quando pensei em Dirce Carvalho da Silva. Minha avó materna morreu um pouco depois de eu completar três anos de vida. E apesar de muito criança, me lembro de sempre sentir muito sua falta. Seu afeto e sua presença se marcaram tão fortemente em minhas fâscias que nunca mais foi possível esquecer do amor que ela me deu durante esses três breves anos. Ainda que eu tivesse apenas duas memórias com ela guardadas na mente, a levo comigo em todos os passos que dei e dou até hoje. Fato é que, para mim, os seus feitos, a sua pessoa e a sua personalidade foram quase inteiramente constituídas por histórias.

Histórias que ouvi sobre ela contada por inúmeras pessoas da família. As histórias eram mais numerosas que as minhas próprias lembranças. E a cada narrativa que ouvia, mais eu conhecia a minha avó. Mais eu conhecia a mulher que deu origem à mulher que, por sua vez, me trouxe ao mundo. E assim, mais eu conhecia a mim mesma. Com o tempo, essas histórias me construíram ao longo do meu viver, me levaram a tomar decisões e atitudes, me influenciaram a rever e firmar valores para comigo e com o mundo. Elas me fizeram ser quem sou. Me tornaram também a arte-educadora que sou hoje.

Então, por essa experiência própria e me dando conta de como histórias me fundaram e me resignificaram, passei a questionar a pergunta feita no início até que ela se modificasse ao ponto de chegar na seguinte indagação:

Por que

NÃO

falar e pensar

sobre as histórias de vida na

educação

?

Se a educação deve ser libertária, se devemos pensá-la sempre a partir de valores, questionamentos e ações que rompam com a educação bancária, porque não fazer isso contando, pensando e escutando histórias? As das educadoras, as dos bebês, crianças, adolescentes e adultos? Parafraseando bell hooks(2017), para gerarmos entusiasmo na sala de aula é preciso ouvir a voz e reconhecer a presença de todos os indivíduos que formam aquele grupo, tendo genuíno interesse uns nos outros e em tudo aquilo que cada indivíduo carrega consigo. As histórias de vida parecem uma boa estratégia e escolha pedagógica para atingir e construir esse olhar sensível com as particularidades de cada um na sala de aula e na educação como um todo.

Ainda pensando na valorização das diversas identidades, é relevante expor a necessidade de um questionamento aos valores eurocêntricos e influências do imperialismo norte-americano que ecoam em nossa cultura e política. Esse cenário se reproduz também no ensino, diante da realidade do nosso país, que foi um país colonizado pela Europa e que até hoje possui enormes problemas sociais derivados e criados por meio da colonização violenta que se instalou aqui em 1500. Nesse contexto, o incentivo, por parte daqueles que querem construir uma educação libertária, à simples ação de olhar para si, reconhecer seu passado, sua vivência e histórias já é uma pequena, mas potente em cada individualidade, atitude a ser tomada dentro de escolas, universidades e creches diante da lógica da colonialidade de apagar e desvalorizar as histórias, quando se pensa em povos originários, identidade nacional e ancestralidade.

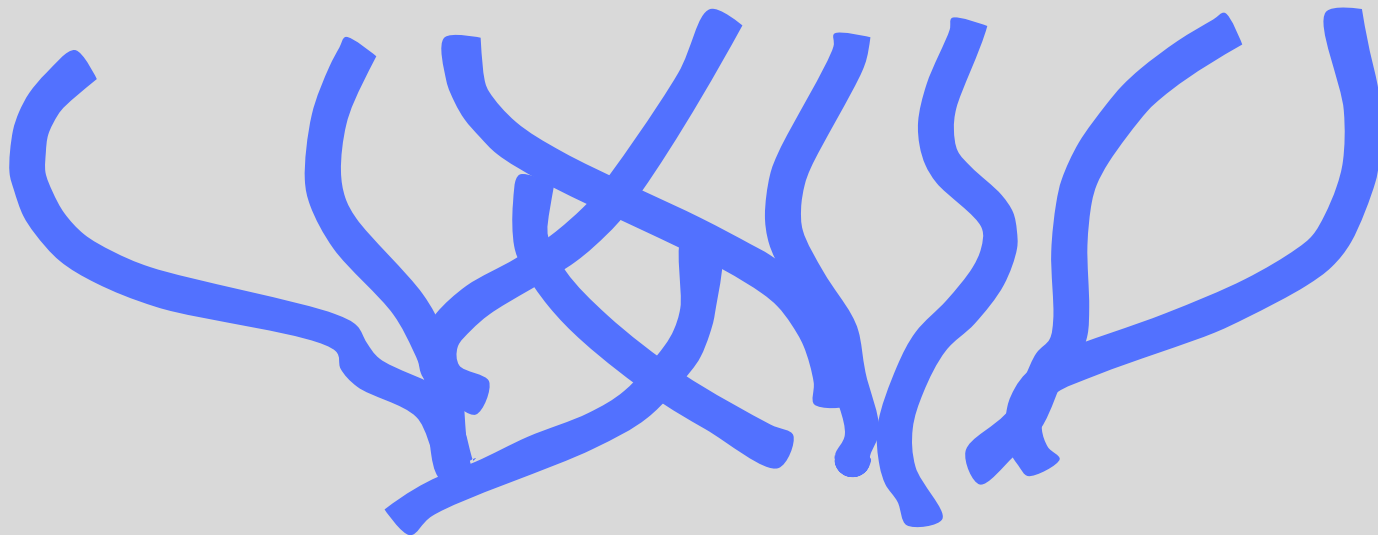
[...] a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da idéia de raça. Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente.
(TORRES, 2007, p.131)

A agenda colonial produz a descridibilidade de inúmeras formas de existência e de saber, como também produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial.

Nos cruzos transatlânticos, porém, a morte foi dobrada por perspectivas de mundo desconhecidas das delimitadas pretensões do colonialismo europeu-ocidental. [...] Para grande parte das populações negro-africanas que cruzaram o Atlântico e para as populações ameríndias do Novo Mundo, a morte é lida como espiritualidade e não como conceito em oposição à vida. Assim, para a perspectiva da ancestralidade só há morte quando há esquecimento, e para a perspectiva do encantamento tanto a morte quanto a vida são transgredidas para uma condição de sobrevivência.

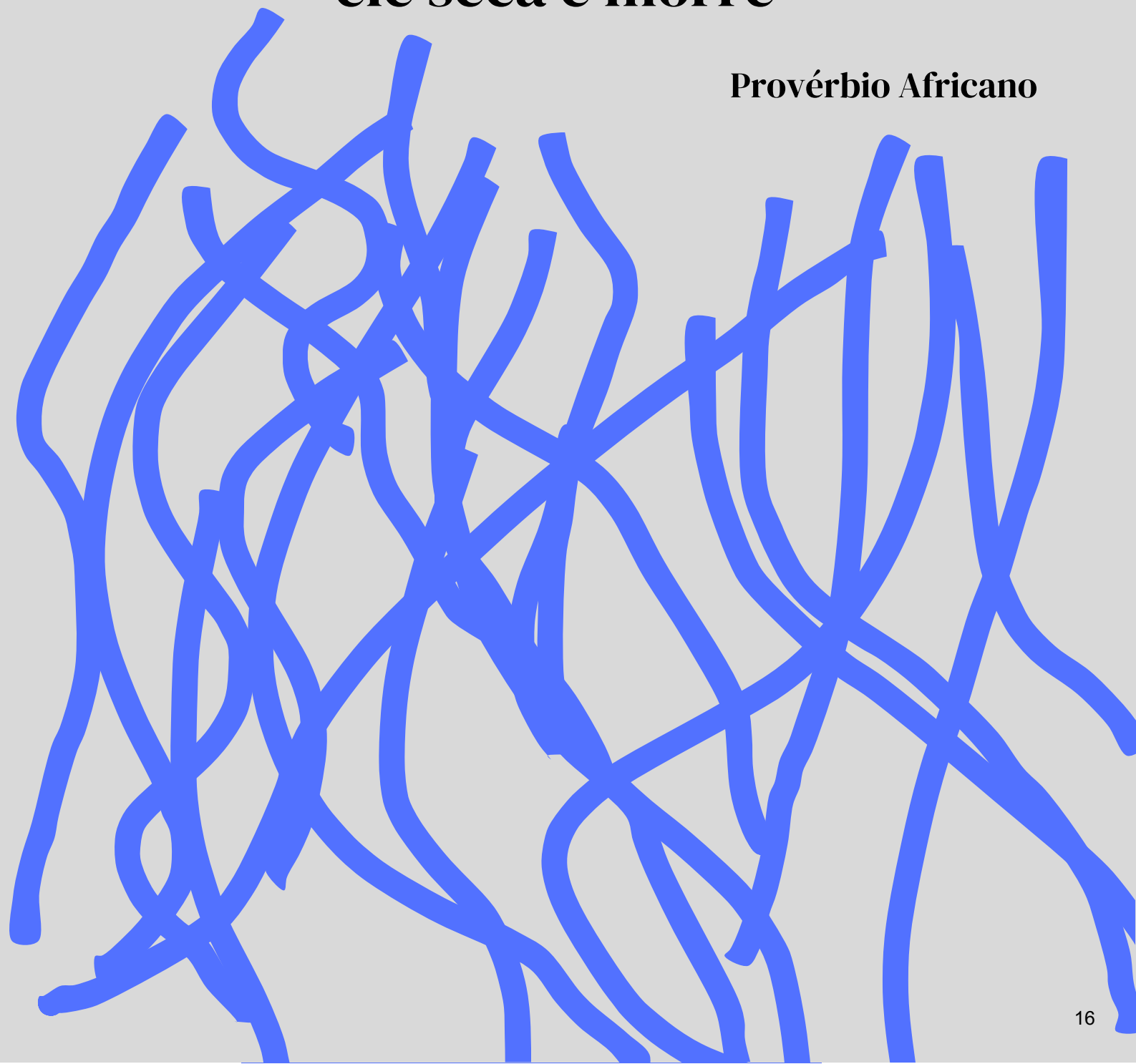
(RUFINO, 2019, p. 11)

Tentando romper, portanto, com a colonialidade que nos é imposta, olhando para as minhas ancestrais como geradoras da vida que habita em mim, eu alimento e inicio esse trabalho de contação com as histórias de minhas avós.



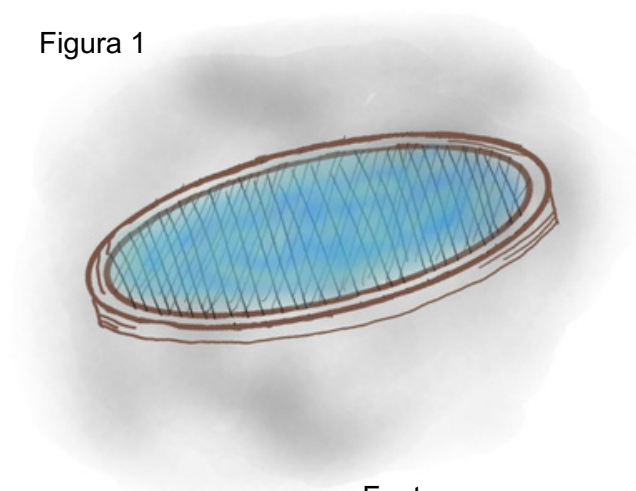
**“Quando o rio esquece onde nasce,
ele seca e morre”**

Provérbio Africano



“O menino que carregava água na peneira”

Figura 1



Fonte: acervo pessoal

[...]

a mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
falava que vazios são maiores e até infinitos.

com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.

com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira

[...]

o menino aprendeu a usar as palavras.
viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
e começou a fazer peraltagens.

foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

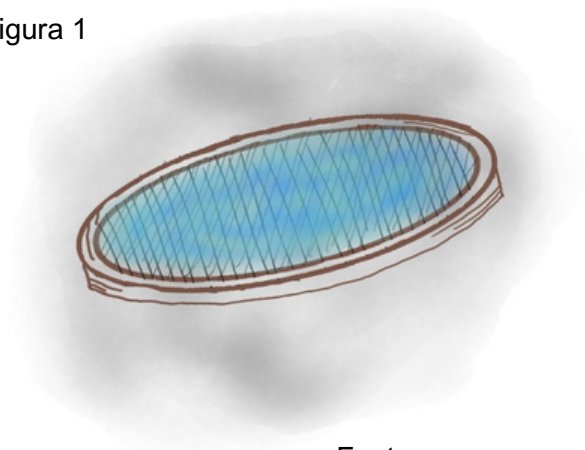
o menino fazia prodígios.
até fez uma pedra dar flor.

a mãe reparava o menino com ternura.
a mãe falou: meu filho você vai ser poeta!
você vai carregar água na peneira a vida
toda.

você vai encher os vãos
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus
despropósitos!

(BARROS, 2021, p.)

Figura 1



Fonte: acervo pessoal

Como o menino de Manoel, carrego água na peneira para pescar no meu interior valores. No fim, sempre pesco histórias.

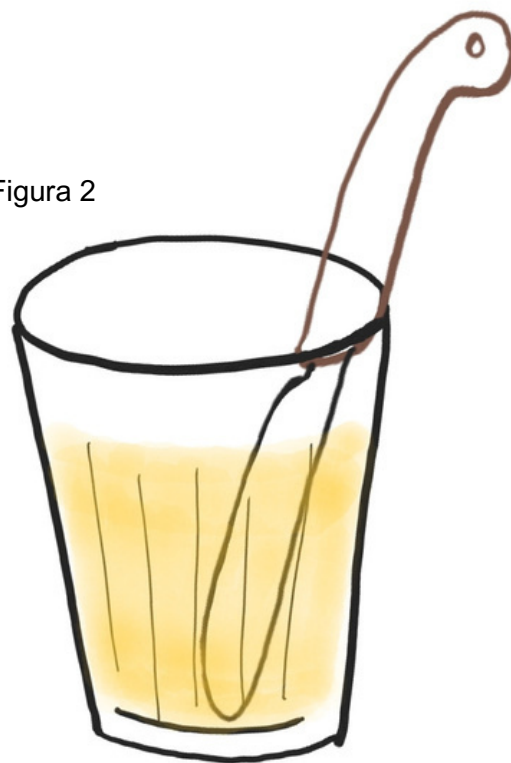
Na adolescência, descobri mais sobre a história da minha avó materna. Ela trabalhava em um cargo público, e em sua juventude entrou na USP para fazer Farmácia, mas saiu antes que completasse a graduação. Ninguém nunca soube me responder porque minha avó fez isso. Gostaria de saber pela própria, mas desconfio que aquele não era o papel que deveria cumprir para a sociedade da época. Dirce, já em sua terceira idade, gostava de aproveitar a vida. Ia na praia todo fim de semana, mesmo que ninguém quisesse fazer companhia a ela. Bebia suas cervejas e aproveitava o mar de vez em quando. Isso lhe rendia um bronzeado que deixava sua pele ainda mais dourada. Ainda mais brilhante. Dirce saiu de minha vida, não por vontade própria, muito cedo. Mesmo assim, sua presença, assustadoramente, vive, morre e revive em mim como folhas de uma árvore em diferentes estações. De qualquer forma, suas raízes se fincam profundamente na minha coluna vertebral. Quando eu levo a vida a sério demais eu sempre me imagino despropositada levemente afundada na areia molhada, deixando a água do mar invadir o buraco que fiz com os meus pés e uma cerveja, que eu nem gosto, na mão. Dona Nice, na verdade, Edelícia (não é necessário dizer porque ela gostava de ser chamada de Nice) chegou muito tardiamente. Conquistou um espaço dentro de mim mesmo que eu tentasse de todas as formas não deixar ela entrar. Minha avó paterna saiu ainda um bebê com seus pais de Pernambuco em direção a São Paulo. Trabalhou desde muito nova, e parou de estudar antes mesmo de chegar no Ensino Fundamental II. Quando eu a conheci, ela ainda era forte, pele preta clara, se arrumava de forma chique pros lugares e tinha um cheiro perfumado que eu nunca soube se de fato vinha de um perfume. “Tia da cantina”, sempre trabalhou muito e recebeu pouco. Nos meus primeiros anos de vida, estudei na mesma escola em que ela trabalhava. Eu chegava muito cedo e tinha que ficar na cantina esperando o horário da aula. Eu e meu irmão sempre comíamos alguma coisa. E minha avó sempre fazia pra gente um suco de maracujá, daqueles industriais que vem concentrado na garrafinha, sabe? Eu gostava de tomar pelo açúcar que ficava acumulado no fundo. Eu tentava aproveitar aquele sabor docinho ao máximo, mesmo que ele só viesse no final.

Observando, sempre via minha vó mexendo o suco com uma faca. Aquilo me incomodava profundamente.

Até mesmo a ponto de eu não aproveitar de forma genuína o doce do açúcar. Com uma faca???? O garfo é pra agarrar, a faca pra cortar e a colher, sim, para mexer.

Lembro de perguntar a ela porquê usar uma faca, mas estranhamente não lembro de sua resposta. No meu adolecer, mexer os líquidos com uma faca começou a se tornar um hábito, de forma natural e sem explicação qualquer. Pego uma faca e mexo um suco, uma vitamina, um leite com Nescau. Pego essa faca de minha avó e com o tempo mato em mim a necessidade de seguir as convenções que são impostas a nós. Talvez minha avó mexesse com a faca por ser mais fácil, talvez porque a faca foi o primeiro utensílio que lhe apareceu, mas talvez ela mexesse com a faca por simplesmente gostar de mexer com a faca.

Figura 2



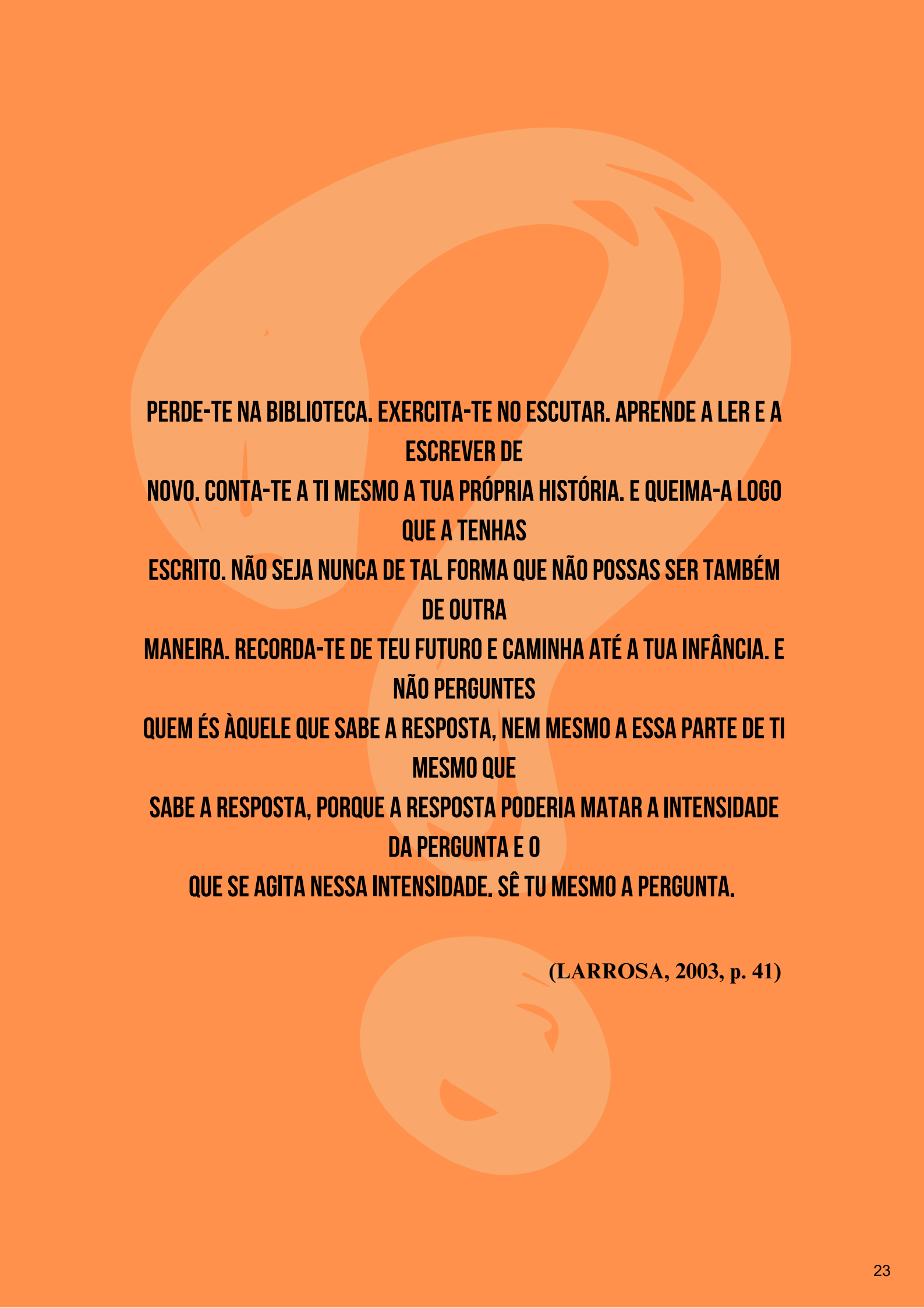
Fonte: Acervo pessoal

Quando me sinto muito presa dentro de mim, dentro da minha rigidez e das normas que penso que tenho que seguir, imagino minha avó. Olho-a pela janela da cantina, mexendo seu suco de maracujá com uma faca e sem saber, criando no eu criança e em todos os outros eu's uma revolução.

Como o menino de Manoel, carrego água na peneira para pescar no meu interior valores. No fim, sempre pesco histórias.

O FORMATO DO TRABALHO E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Esse trabalho de Conclusão de Curso foi feito em um formato de revista por uma escolha pensada a partir do que as histórias, temática central dele, provocam nos que as escutam ou as leem. Trabalhar com a contação de histórias evoca muitas imagens, estimula a criatividade e lida com os afetos, ultrapassando, portanto, a forma por vezes limitante e rígida que a academia impõe como padrão de trabalhos feitos dentro da universidade. A distribuição dos textos em diferentes espacialidades e a exposição de imagens durante a construção de histórias faz parte das ideias que serão colocadas e expostas ao longo dessas páginas, sendo também uma decisão ética a partir do meu compromisso com uma educação que é libertária para os docentes e discentes. A escuta atenta também é uma ação importante quando falamos sobre a valorização e o olhar para as histórias de vida. Portanto, nesse trabalho, haverá histórias escritas e contadas por mim, mas também relatadas por outras pessoas e registradas aqui. Ademais, serão abordadas duas fases específicas da vida na educação. Primeiro, a que inicia os seres humanos na escola: A Educação Infantil, fase na qual vivencio diariamente minha construção como arte-educadora. E o ensino superior, que também será uma das fases abordadas no trabalho, na qual se dá a minha experiência atual como estudante. A escolha desses dois recortes específicos se deu, inicialmente, porque elas representam uma espécie de início e final da vivência na educação, pelo menos no que se diz respeito ao direito de estudar de todo cidadão brasileiro, ainda que saibamos que essa não é a realidade de grande parte do país. E posteriormente, porque são nessas fases em que me encontro sendo desafiada, provocada e empenhada em questionar, pensar e conhecer cada vez mais eu mesma e os outros, tanto no papel de educadora quanto no de educanda.



**PERDE-TE NA BIBLIOTECA. EXERCITA-TE NO ESCUTAR. APRENDE A LER E A
ESCREVER DE
NOVO. CONTA-TE A TI MESMO A TUA PRÓPRIA HISTÓRIA. E QUEIMA-A LOGO
QUE A TENHAS
ESCRITO. NÃO SEJA NUNCA DE TAL FORMA QUE NÃO POSSAS SER TAMBÉM
DE OUTRA
MANEIRA. RECORDA-TE DE TEU FUTURO E CAMINHA ATÉ A TUA INFÂNCIA. E
NÃO PERGUNTES
QUEM ÉS ÀQUELE QUE SABE A RESPOSTA, NEM MESMO A ESSA PARTE DE TI
MESMO QUE
SABE A RESPOSTA, PORQUE A RESPOSTA PODERIA MATAR A INTENSIDADE
DA PERGUNTA E O
QUE SE AGITA NESSA INTENSIDADE. SÊ TU MESMO A PERGUNTA.**

(LARROSA, 2003, p. 41)

O INÍCIO DA VIDA NA ESCOLA:

A EDUCAÇÃO INFANTIL

E A

VALORIZAÇÃO DO INDIVÍDUO

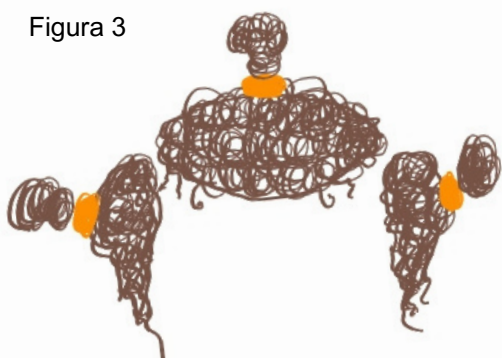
A primeira infância é uma fase muito importante no desenvolvimento de toda criança. Nela se dão as descobertas, brincadeiras, aprendizados e desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas, sociais e emocionais. De acordo com o artigo 7º, inciso XXV, da Constituição Federal(BRASIL, 1988) é dever do Estado que toda criança de 0 a 6 anos seja atendida e tenha direito a vagas em creches e pré-escolas. Esses espaços são importantes no crescimento de bebês e crianças porque eles são responsáveis por apresentar a esses indivíduos um novo mundo, fora do contexto de socialização de seus núcleos familiares. São neles que o contato maior com o outro, com o diferente e consigo mesmo é iniciado. A Base Nacional Curricular Comum(BNCC) prevê em seu documento que as escolas e unidades de educação infantil acolham vivências e conhecimentos construídos pelas crianças em seus ambientes familiares, para que, articulando-os com diversas propostas pedagógicas, o universo de experiências de cada um seja ampliado. Ainda de acordo com este documento(BNCC), é também direito de aprendizagem que todas as crianças possam conhecer a si mesmas e construir sua identidade, assim como poderem se expressar como sujeitos, evidenciando, por exemplo, suas necessidades, emoções, sentimentos e histórias.

São aspectos recorrentes em teorizações acerca da Educação Infantil a organização e a relação entre espaço, tempo, materialidades e interação ao pensar e trabalhar propostas pedagógicas. Adiante, pensaremos mais sobre os aspectos do espaço, tempo e interação. Neste momento, lidaremos com o fato de que as histórias podem e devem ser materialidades a serem levadas a crianças e bebês e também trazidas por eles, exigindo sempre um olhar atento tanto de quem escuta quanto de quem fala. A cada história que contamos para as crianças e ouvimos delas, um novo universo dentro de cada indivíduo é suscitado e essa escuta pode ser o elemento que dá pistas de interesses, necessidades e contextos para as experiências planejadas. As histórias fazem parte da construção da individualidade. Evidenciá-las e observá-las tem um papel importante na construção de uma sociedade com um olhar mais sensível e acolhedor para si e para o outro.

**“A organização do tempo e do espaço é importante para o desenvolvimento integral da criança e é pensando nisso que temos o tempo de rotina escolar trabalhada em equipe, para que possamos transmitir comodidade a nossas crianças como também os espaços que favorecem o crescimento, a identidade e a autonomia das crianças”
(DOMINGOS; FARAGO, 2016, p. 215)**

Todo educador infantil, em algum momento de sua profissão, cruza com a criança que alimentará a sua paixão em trabalhar com essa faixa etária. A primeira criança que nutri amor, que me ensinou a lidar com seres tão pequenos, se chama Serena. E essa não será a única vez que ela aparecerá nesse trabalho. A Serena fez parte da primeira turma a qual fiquei responsável como educadora infantil. Seu nome fazia muito juz a sua personalidade. Ela era uma criança carinhosa, que gostava de brincar com os amigos, pular e dançar. Serena, dentre as quinze crianças sob os meus cuidados, era muito quieta e com ela aprendi a ser paciente para ouvir e ler sinais que as palavras não supriam de me comunicar.

Figura 3



Fonte: Acervo pessoal

Quando cheguei na sala, estava substituindo outra educadora que havia ficado doente, então a desconfiança era grande. Mas por muito cultivar e ser cultivada, criei laços com as crianças. Eis que chega a semana da criança: durante esse período, haviam várias atividades a serem feitas com as turmas, e em um desses dias a brincadeira era uma festa à fantasia.

Os responsáveis das crianças eram avisados por meio de um bilhete que os comunicava desse evento. Bilhete esse, que entre tantos, e por ser ainda muito novata nesse cargo, me passou despercebido e não enviei na agenda de minha turma. Chegado o dia da festa a fantasia, ninguém estava à caráter. Fiquei com uma enorme sensação de culpa e medo de ser penalizada por esse erro. Reparei que desde sua entrada, Serena estava agindo muito diferente. Não queria brincar e nem dançar. Demonstrava uma quietude para além do não falar. Estava com um olhar que não reconhecia. Comecei a desconfiar de que estava assim porque não estava fantasiada enquanto o resto das outras turmas estava. Resolvi fazer algo a respeito e juntei retalhos de materiais que achei para fazer coroas e máscaras de super-herói e distribuir às minhas crianças. Fiz o mais rápido que pude. Ao acabar, pedi para que cada criança escolhesse o acessório de sua preferência. Serena mudou de feição no mesmo momento.

Figura 4



Fonte: Acervo pessoal

Sorriu tímida, escolheu a máscara do homem-aranha, sob os olhares de repreensão de outras educadoras ali presentes por não ter escolhido a “coroa da princesa”, como disseram, e finalmente foi brincar com os amigos. Meu coração se encheu de amor e ficou em paz. Eu soube que Serena agora estava feliz, dançando e descobrindo coisas novas com seus colegas. Naquele minuto, soube que um olhar sensível para as individualidades é muito importante e faz a diferença para que as crianças e os educadores possam desenvolver uma vivência saudável dentro da educação infantil.

Figura 5



Fonte: Acervo pessoal

Cada bebê e criança têm algo para nos contar sobre si e o mundo. Todas elas são detentoras e produtoras de um saber próprio. Cada indivíduo vivencia vontades e experiências diferentes dentro de uma escola. Todas essas ações nos contam histórias e personalidades diferentes dentro daquele grupo. “Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso, ou de uma retirada da sala”. (FREIRE, 2019, p.95)

“PRA CHEGAR À CASA DA MINHA VÓ, PRECISÁVAMOS VIAJAR, PASSANDO POR SUBIDAS EM QUE FICÁVAMOS PERTO DAS NUENS E COM ELAS DISPUTÁVAMOS UMA CORRIDA. A GENTE TAMBÉM PASSAVA POR UM RIO EM QUE MEUS IRMÃOS JURAVAM QUE MORAVA UMA BALEIA ENORME, QUE SE ALIMENTAVA DE IRMÃS CAÇULAS, NO CASO, EU. A MINHA AVÓ, APOSENTADA, QUASE NÃO SAÍA DE CASA, MAS HABITAVA UM MUNDO INTERIOR CHEIO DE MEMÓRIAS, QUE ÀS VEZES ELA COMPARTILHAVA COM QUEM LHE DESSE ATENÇÃO. UM DIA ELA ME CONTOU QUE QUANDO JOVEM, TINHA SIDO UMA PROFESSORA-VIAJANTE. ELA PASSAVA UM PERÍODO EM CADA CIDADE E TINHA LECIONADO EM ESCOLAS NO CAMPO, “ASSIM, TINHA UM CAMINHO DE PALMEIRAS À BEIRA DA ESTRADA, E NO FIM A ESCOLA”. ELA CONTAVA COM NOSTALGIA SOBRE AS PENSÕES EM QUE MORAVA, AS PESSOAS QUE CONHECIA, E OS FLERTES QUE TINHA DEIXADO EM ALGUMAS DESSAS ANDANÇAS. MINHA TIA FOI A PRIMEIRA A SEGUIR OS PASSOS DA MINHA AVÓ. ELA ERA DIRETORA NUMA ESCOLA E UM DIA ME LEVOU PRA PASSAR O DIA LÁ. EU FIQUEI MUITO TÍMIDA PORQUE NÃO CONHECIA NINGUÉM. MAS QUANDO DEU O HORÁRIO DO RECREIO, EU SAI CORRENDO TODA ALEGRE E FUI DIRETO PRO ESCORREGADOR, ESPERANDO AS CRIANÇAS PRA BRINCAR. QUANDO SUBI, OUVI DE LONGE O GRITO DA MINHA TIA, MUITO BRAVA, ME MANDANDO DESCER PORQUE ALI SÓ PODIA BRINCAR DEPOIS DE COMER. EU FIQUEI EM CHOQUE, PARADA EM CIMA DO ESCORREGADOR, OLHANDO AS CRIANÇAS JÁ SENTADAS ORDENADAMENTE NAS MESINHAS. DESCI O MAIS LENTAMENTE POSSÍVEL. SENTEI E FIQUEI IMAGINANDO A MINHA AVÓ CAMINHANDO POR TANTOS ESPAÇOS, UMA LIBERDADE PERMITIDA MAS AINDA ASSIM NÃO CONVENCIONAL PARA SUA ÉPOCA. EU A IMAGINAVA COM OS CABELOS SOLTOS FLUTUANDO NO VENTO, EM CIMA DO CAVALO A CAMINHO DE SUA ESCOLA NO CAMPO. O CONTRASTE ENTRE SUA LIBERDADE E A DOMESTICAÇÃO DAS CRIANÇAS NA MINHA FRENTE ERA DIFÍCIL DE ASSIMILAR. ANTES DE QUALQUER TEORIZAÇÃO, A IMAGEM DA PROFESSORA-VIAJANTE ME FASCINOU E ACENDEU A PRIMEIRA CHAMA. DEPOIS EU DESCOBRI QUE TAMBÉM DAVA PRA VIAJAR SEM SAIR DE CASA: ERA COM OS LIVROS. E AS HISTÓRIAS QUE EU LIA ME CONTAVAM QUE, DIFERENTE DO QUE QUERIAM QUE EU ACREDITASSE, O MUNDO ERA MUITO MAIS VASTO, E AS POSSIBILIDADES DE EXISTIR NELE, ERAM IMENSAS.”

Ana Paula Chagas

Estudante de Licenciatura em Arte-Teatro

AS DIFERENTES MANEIRAS DE ESCORREGAR:

Figura 6



Fonte: Acervo pessoal

Figura 7



Fonte: Acervo pessoal

Figura 8



Fonte: Acervo pessoal

Figura 9



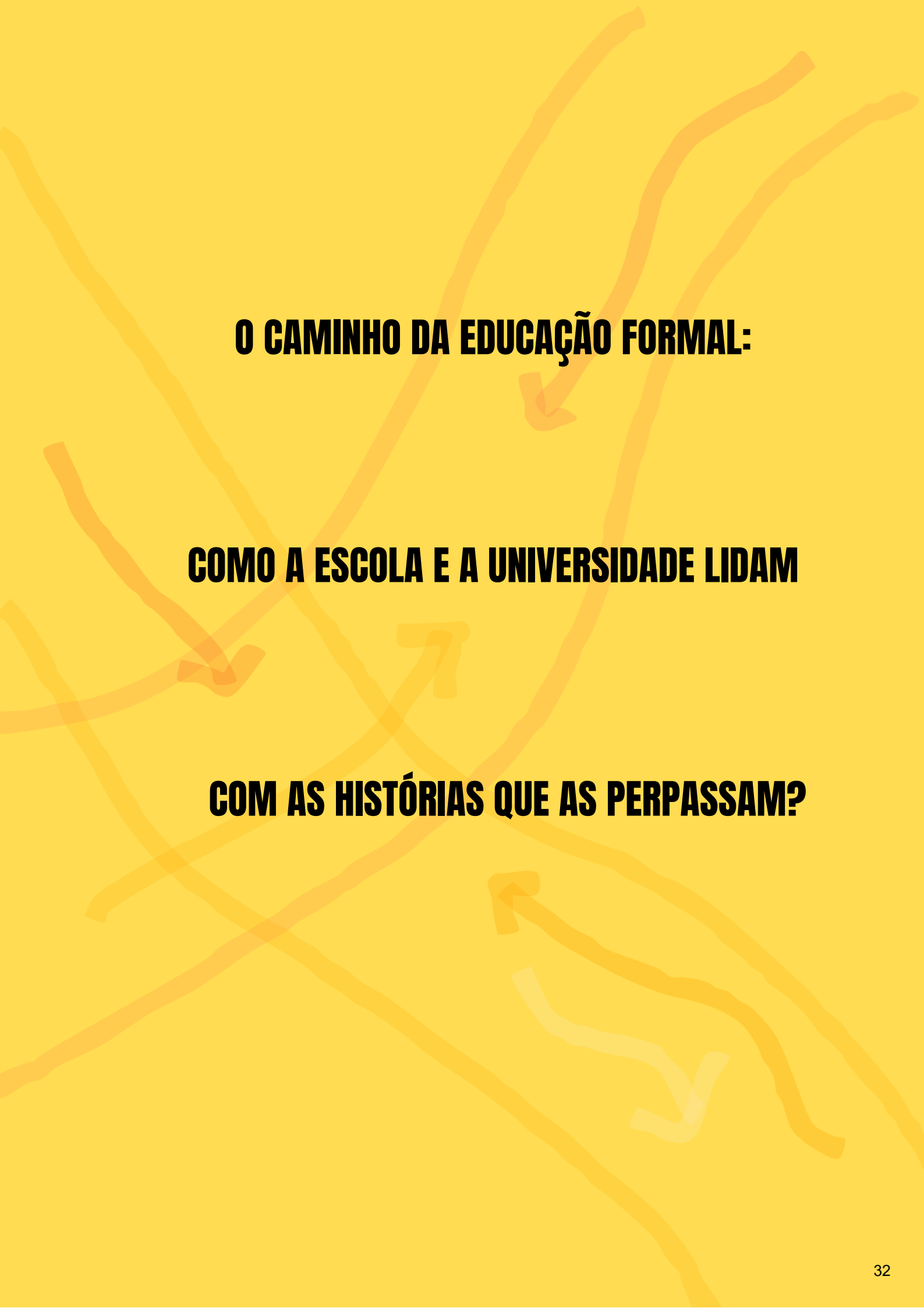
Fonte: Acervo pessoal

-Um dia no parque com as crianças, muitas se agruparam em volta do escorregador. Cada uma escolheu a sua forma de usá-lo. Todas exerceram seus direitos e as particularidades foram afloradas dentro daquele coletivo. Cada escolha dizia e contava sobre a personalidade dessas crianças de apenas três anos. Umas escorregaram se segurando, outras levantaram os braços, algumas queriam escorregar de bruços e uma decidiu tirar uma soneca ali mesmo.

Negar ou ignorar essas vozes é tornar o espaço da Educação Infantil opressor, em uma fase em que as dinâmicas da sociedade e da escola estão sendo ainda descobertas. É por isso também que valorizar o individual é tão importante nesse período. Não é por acaso que a BNCC, documento tão significativo para a educação no Brasil, citada no início deste capítulo, aponta e afirma que essa valorização deve ser uma realidade nas escolas e creches. A liberdade de ser, fazer e contar deve ser experimentada desde o início da vida. Para que assim, tenhamos o mínimo de possibilidade de não nos tornarmos adolescentes e adultos oprimidos e/ou opressores.

ENSINAR EXIGE SABER ESCUTAR.

(FREIRE, 2019, p. 110)



O CAMINHO DA EDUCAÇÃO FORMAL:

COMO A ESCOLA E A UNIVERSIDADE LIDAM

COM AS HISTÓRIAS QUE AS PERPASSAM?

Aqui, voltamos a um dos tópicos importantes à Educação Infantil que citei anteriormente e que deveria ser um assunto pensado e pesquisado na educação como um todo para além dessa fase, apenas: o espaço.

Os espaços da educação infantil devem legitimar as vivências entre os bebês e adultos, as interações e produções que ali se estabelecem e os significados que vão se constituindo nesses lugares.[...]O planejamento da organização do espaço deve considerar a construção do conhecimento, a autonomia e a convivência com o outro.
(SILVEIRA; GOULART, [202-], p. 08).

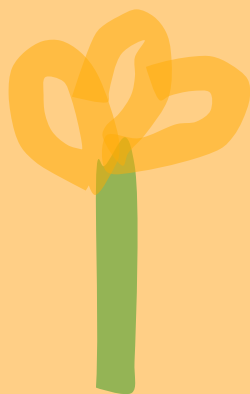
É importante que os espaços possam valorizar as histórias dos educandos. A educação é muito mais poderosa quando as histórias são observadas, contadas, cruzadas e levadas em consideração. Quando as particularidades são ignoradas, as salas de aula se tornam locais apáticos e desinteressantes. Isso se escancara em relatos como o de Emicida, rapper brasileiro, no Festival LED-Luz na Educação de 2022:

“Na quarta série decidi não ir mais para a escola. Os ataques contra minha pele e meu cabelo ficaram mais agudos[...] Ela se ligou que eu não gostava de estudar, mas gostava de histórias em quadrinhos. E começou a me dar todas as matérias em histórias em quadrinhos. Todos sabem quanto um professor ganha, quanto trabalho tem. E ela teve todo esse esforço por uma só criança[...] A minha professora não queria que eu ficasse em um bueiro de esgoto a vida toda. Eu existo porque tinha uma professora teimosa, que correu atrás de mim, me tirou do esgoto e salvou a minha vida.”
(JORNAL O GLOBO, 2022, 52 min. 01 s).

Sabemos que histórias como essa acontecem. Os espaços, em contrapartida, em que educandos e educadores se encontram, comumente promovem e reafirmam o tempo todo entraves para que momentos e olhares sensíveis como o relatado não ocorram.

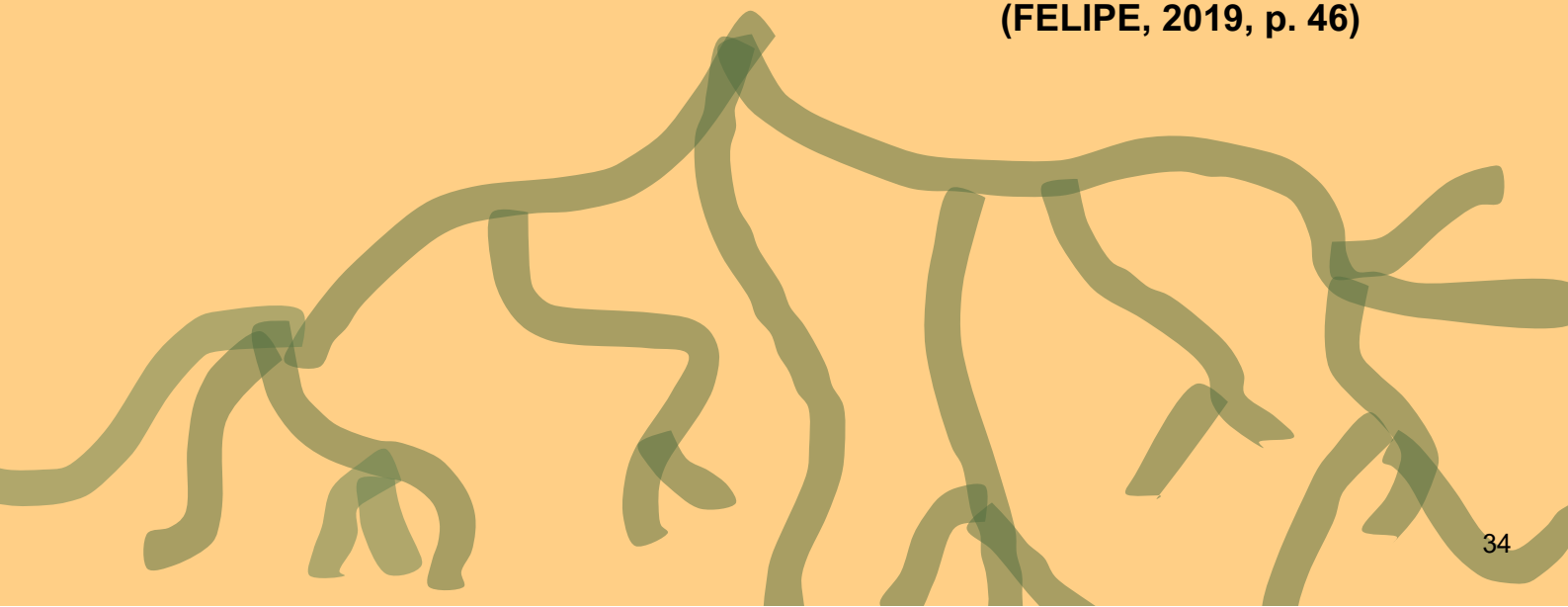
Tanto a escola, local no qual todos devem iniciar na educação básica, quanto a universidade, local em que poucos têm o privilégio de frequentar, de maneira geral e a partir de uma lógica capitalista de formação de mão de obra, lidam com o estudante como se o único aspecto de sua personalidade fosse o de estudar e o de receber conhecimentos transmitidos pelo detentor do saber, que seria o educador.

O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca.
(FREIRE, 1987, p.38)



**NO CONSTANTE EXERCÍCIO DE OLHAR
PARA TRÁS E PARA DENTRO,
BUSCANDO ENTENDER QUEM SOMOS A
PARTIR DO LUGAR SOCIAL QUE
OCUPAMOS, TORNAMOS A ESCOLA UM
TERRENO FÉRTIL PARA O FLORESCER
DE DISTINTAS EXISTÊNCIAS.**

(FELIPE, 2019, p. 46)



Quando iniciei minha vida como educadora, trabalhei presencialmente pela primeira vez em uma escola particular de minha cidade. Eu acompanhava projetos de artes e língua portuguesa e em grande maioria adorava a interação com os estudantes do ensino fundamental II e médio. Havia um funcionário da equipe de tecnologia de informação da escola que se chamava Rogério. Ele sempre prontamente me ajudava nos meus conflitos mais bobos com a tecnologia, como fazer uma lousa digital funcionar ou a Internet pegar, por exemplo. Nós nos cruzávamos todos os dias e sempre nos cumprimentávamos com um sorriso. Eu sabia que se eu precisasse dele, iria até a sala que ele ficava, abriria a porta e ele estaria logo à frente sentado na cadeira mexendo no computador que ele trabalhava. Após meses funcionária desse lugar, em um domingo de novembro, Rogério cometeu suicídio. A notícia chocou a todos e logo

Figura 10



Fonte: Acervo pessoal

foi abafada pela equipe de direção. Todos queriam saber como alguém que estava tão bem e era jovem havia de repente morrido. Mas a informação era escondida. É claro que ela chegou a todos, mas por meio de sussurros e fofocas. Um grande tabu se formou em torno do nome Rogério. Ninguém ousava falar ou lembrar de sua existência. Esse apagamento era criado e incentivado pela coordenação e direção. Apesar de não termos uma relação tão profunda, como é de se esperar quando lidamos com o suicídio, fiquei devastada. A forma que a equipe administrativa lidou com a morte dele só aprofundava a tristeza. A escola e a educação naquele momento perderam o sentido para mim.

Essa situação me fez questionar fortemente o quanto as instituições escolares podem apagar e reprimir a vivência e experiência de diversas histórias, principalmente quando se diz respeito a campos e assuntos importantes de serem discutidos, mas que são vistos com olhares de desconfiança e preconceito, como o suicídio, o racismo, a homofobia, a misoginia e o machismo, por exemplo. Nesta mesma escola, me lembro de que algumas pautas como o machismo e o racismo eram trazidos e limitados a serem discutidos nas datas comemorativas do dia das mulheres e da consciência negra, respectivamente. Como se aquilo fosse o suficiente para tratar e questionar problemas estruturais tão sérios do Brasil. Nada era falado sobre a comunidade lgbtqia+ no mês do orgulho. O suicídio foi tratado como um grande tabu e um tom cristão de que aquilo era um pecado gravíssimo se infiltrou nas conversas que se davam sobre Rogério nos corredores. Talvez o quadro de funcionários pudesse ser capaz de lidar melhor com esses diversos temas por meio de conversas, sensibilizações e encontros promovidos pela equipe de psicologia e recursos humanos que a escola possuía. Mas a abertura, tanto pedagogicamente falando, quanto no nível de relações interpessoais, não era nunca posta. Mais adiante, voltarei a falar de Rogério.

Esse silenciamento, porém, não é exclusivo das escolas porque também é comum de ser vivenciado na universidade, onde em grande maioria há um pensamento predominantemente academicista que desvaloriza saberes populares, tradicionais e dissidentes.

“QUANDO COMEÇAMOS A FAZER OFICINA, PRIMEIRO DENTRO DO PIBID (PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA), FOI UMA FORMAÇÃO INICIAL ENTRE NÓS, PORQUE A GENTE ESTAVA FALANDO DE ASSUNTOS QUE GOSTÁVAMOS NOS ENCONTROS E ACHÁVAMOS IMPORTANTE ESSE ESPAÇO DE TROCA ENTRE OS PARTICIPANTES. EU FIZ UMA OFICINA, JUSTAMENTE COM A CECÍLIA E COM A LETÍCIA, E ELA FALAVA SOBRE CULTURA POP, ARTE E REPRESENTATIVIDADE. DISCUTIMOS, ENTENDEMOS ESSES CONCEITOS, TALVEZ ATÉ ERRAMOS SOBRE A IDEIA DE ALGUNS. MAS ERA POR ISSO TAMBÉM QUE ESTÁVAMOS QUERENDO FALAR SOBRE ISSO, JÁ QUE É UMA COISA QUE ESTÁ AÍ EM VOGA NOS ÚLTIMOS ANOS. UM PONTO PRINCIPAL QUE A GENTE PARTIU FOI A BEYONCE, QUE HAVIA ACABADO DE LANÇAR O FILME “BLACK IS KING” E QUE TEVE UMA REPERCUSSÃO INTERESSANTE. A GENTE FALOU TAMBÉM DE DJONGA, FIGURA SUPER IMPORTANTE PARA O HIP-HOP, A CANTORA IZA, UMA ARTISTA PRETA RETINTA NO BRASIL. REVERENCIAMOS TAMBÉM LINN DA QUEBRADA, LINIKER, DUAS ARTISTAS TRANS PRETAS. ESSES E TODOS OS OUTROS ARTISTAS QUE TROUXEMOS MOVIMENTAM A NOSSA CULTURA. SÓ QUE A GENTE NÃO PODE ESQUECER QUE ESTAMOS FALANDO DE CULTURA POPULAR. E NORMALMENTE SE GERA UM CHOQUE QUANDO FALAMOS DE CULTURA POPULAR NA ACADEMIA. E A APRESENTAÇÃO DESSA NOSSA OFICINA AO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA(RP) GEROU ESSE CHOQUE. ELA NÃO FOI MUITO BEM ACEITA. NA ACADEMIA TALVEZ SE ESPERE AS REFERÊNCIAS DE SEMPRE. A REFERÊNCIA ESCRITA DE UM HOMEM BRANCO, QUE É O QUE A GENTE MAIS ENCONTRA NA UNIVERSIDADE. A CULTURA POPULAR GERA, SIM, ESSE ABALO NAS ESTRUTURAS. AS PESSOAS, INCLUSIVE ALGUNS EDUCADORES PRESENTES, QUE PARTICIPAVAM DESSE ENCONTRO COM O RP NÃO QUERIAM ESSAS REFERÊNCIAS QUE TROUXEMOS. EU ACHO ISSO TRISTE, PORQUE É MUITO IMPORTANTE A GENTE TRAZER REFERÊNCIAS OUTRAS. AS ARTISTAS TRAZIDAS SÃO PESSOAS QUE ESTÃO FAZENDO A CULTURA POPULAR E QUE TEM UM VALOR GRANDE, QUE NÃO DEVE SER IGNORADO. TEMOS QUE DISCUTIR E FALAR SOBRE TUDO ISSO. A GENTE TEM QUE PENSAR DIFERENTES REFERÊNCIAS, FUGIR UM POUCO DESSE QUERER ACADEMIZAR TUDO. ENCONTRAR VALORES FORA DA ACADEMIA. MAS OCORREU ESSE NÃO ENTENDIMENTO E NÃO ACOLHIMENTO POR PARTE DA UNIVERSIDADE.”

Mateus Henrique Borges Caetano

Arte-educador e cantor

Em teoria, nenhum desses espaços deveriam desvalorizar e marginalizar a história e vida de nenhum educando. Porém, inúmeras experiências revelam que a prática ocorre de maneira diferente. O fato de que em todos os corpos que constroem e significam os espaços educacionais se emantam memórias, afetos, pensamentos e valores próprios é esquecido ou ignorado. Tornando a educação, por muitas vezes, distante dos educandos e repleta de um aparente despropósito. Cabe aqui também falar do tempo, um outro aspecto citado no capítulo anterior. Essas espacialidades pressupõem uma frequente otimização do tempo, ou seja, uma pressão e imposição de uma determinada duração limite em relação aos processos de ensino aprendizagem, o que acaba por sobrecarregar tanto discentes quanto docentes. Sobrecarregados e em busca da sobrevivência diária em um país que paga salários baixíssimos aos professores, é muito mais difícil e ardiloso para os educadores observar cada educando como um sujeito completo, diverso e único, já que esse olhar exige determinação, tempo, esforço e de um mínimo bem-estar nas condições de trabalho. Claro que todo esse cenário de sucateamento da profissão do educador e suas consequências é favorecido e mantido pela ideia de educação bancária, pensamento predominante daqueles poucos que detém poderes no país, já que uma educação de qualidade, pleiteada no respeito, no pensamento crítico, na valorização das individualidades e na liberdade é capaz de quebrar e romper estruturas que sustentam esses mesmos indivíduos no topo de uma pirâmide hierárquica de privilégios. Dessa maneira os espaços escolares e universitários tendem a ser excludentes e aprisionadores.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. (FREIRE, 1987, p.37))

OCUPAÇÕES COM OS MENORES SALÁRIOS NO BRASIL

Figura 11



Fonte: Página do g1¹

¹Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wJQC9x3VEbU_
Acesso em: 26 nov. 2023.

COMO A EDUCADORA LIDA COM AS HISTÓRIAS

NA SALA DE AULA?

Quando tinha oito anos de idade eu ia à escola com os meus dois irmãos mais velhos. Era um caminho de seis ou sete quadras até o lugar em que estudávamos. Nessa época, minha mãe fazia muitos plantões extras no hospital que trabalhava como enfermeira, então era muito raro que ela conseguisse nos levar. Ver todos os meus amigos e colegas sendo levados pelos pais sempre me deixava levemente triste porque isso não era uma realidade para mim. Em um dia desse período, acordamos com um tempo terrível. Havia chovido muito e ainda caía uma chuva grossa e tempestuosa lá fora. Minha mãe estava no trabalho. Mas não podíamos faltar. Lembro de ter me arrumado, colocado uma roupa de frio e o meu tênis de sempre para ir à escola. Eu e meus irmãos pegamos os guarda-chuvas e fomos no meio do vendaval e do pinga pinga de uma manhã em que tudo o que qualquer um iria querer era ficar na cobertura até mais tarde. Faltando duas quadras para chegar no prédio, eu, com minhas pernas miúdas,

pisei numa enorme corrente de água entre a calçada e a rua que ia atravessar. Meus tênis, minhas meias e meus pés encharcaram na hora. Andei o resto do caminho com uma piscina particular instalada nos meus sapatos. Toda aquela situação me deixou triste e enfurecida. Queria ser aqueles meus colegas que

Figura 12



Fonte: Acervo pessoal

Figura 12



Fonte: Acervo pessoal

eram deixados de carro na porta da escola pela família. Queria que minha mãe estivesse ali para me proteger daquela água. Queria não estar com os pés afundados. Queria nem ter ido naquele dia. Com todos esses sentimentos e emoções, um nó foi se formando na minha garganta. Quando sentei na carteira da minha sala e abaixei a cabeça,

lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. A professora viu o meu choro e me levou para fora da sala. Questionou porque eu estava chorando. Expliquei a situação. Ela agachou, olhou nos meus olhos e disse: "Tá. Você está chorando só porque molhou o pé?" Então, ela secou as minhas lágrimas e falou pra eu voltar para a sala.

A verdade é que nessa situação e diante da maneira da professora lidar com o meu choro, sua atitude foi o suficiente para me acalmar e fazer com que eu parasse de chorar, apesar de ainda continuar triste. Depois que comecei a me construir como educadora no mundo, essa situação sempre me voltou à cabeça. Claro, eu acredito que essa educadora da história teve a melhor das intenções. Foi muito importante ela ter tido um olhar para uma fragilidade e ter me puxado para uma conversa naquele momento. Mas fato é que seu questionamento desvalidou completamente os meus sentimentos em relação aquela vivência que tinha acabado de ter. Na época, o meu eu criança não se sentiu assim, mas hoje eu consigo perceber o quanto a pergunta e o uso do “só” deram um tom de que aquilo que eu estava sentindo e chorando não passava de uma besteira e que portanto eu precisava parar e engolir aquilo tudo, o que é muito diferente de entender e digerir para assim então superar. Quantas educadoras e educadores não tentaram agir da melhor maneira em suas profissões mas acabaram por ignorar e desvalidar a individualidade dos sujeitos? Pouco tempo atrás, me peguei com os pés e sapatos molhados devido a uma inesperada e intensa chuva de verão. Nessa situação me vi descontroladamente irritada e com um nó gigantesco na garganta. Depois, parando para perceber, lembrei que foi isso que senti quando criança, e que ainda sinto quando exposta ao mesmo cenário. Não aprendi a processar aquilo e por isso não sei lidar de maneira mais equilibrada mesmo adulta. Me pergunto se seria diferente se há treze anos minha professora tivesse acolhido os meus sentimentos de maneira diferente, validando-os e me dando razão de senti-los.

A história que contei acima neste capítulo foi de uma vivência minha como estudante. Hoje, como educadora, me questiono como eu e muitas outras podem fazer diferente pelo mundo quando há uma estrutura na escola que nos pressiona a silenciar, a ignorar, a não tratar cada indivíduo como alguém inteiro e complexo, para além do estudante no sentido daquele que estuda o conteúdo e apenas isso. O quanto o espaço em que as educadoras se encontram também influenciam as atitudes que temos diante das histórias de cada sujeito? O espaço das escolas e universidades com suas organizações hierárquicas e arquiteturalmente aprisionadoras, a superlotação das salas de aulas, a sobrecarga de trabalho que muitos educadores enfrentam, os prazos de conteúdo de aula que temos que cumprir e a suposta otimização do tempo com a qual temos que lidar certamente afetam a qualidade da interação com os estudantes, o que pode também nos fazer cair em um automatismo de negarmos essas

materialidades, tão válidas nesses lugares de aprendizagem, que são as histórias.

Há pouco tempo, quando me reuni com professoras e professores do ensino fundamental, uma mulher manifestou com ousadia seu sentimento de que a situação em sala de aula tornara-se insana, que o tamanho das turmas e as questões disciplinares a impossibilitavam de ensinar. Ela odiava seu trabalho, os alunos e as alunas.
(HOOKS, 2021, p.53)

O quanto tentamos e queremos acolher mas não conseguimos por diversas limitações e sobrecargas? O quanto nós, educadoras, temos que tomar cuidado com as ações que vamos ter diante da história que nos é contada? Pensando nessas questões, retomo outra história. Volto para contar a continuação da história sobre Rogério, iniciada no capítulo anterior. Volto para um desfecho mais sensível que tentei ter como educadora nesse espaço que nos sufoca, nos soterra, por vezes nos fazem odiar o que fazemos e as pessoas com quem convivemos.

*Eu queria falar sobre isso. Eu precisava. Inclusive com os jovens estudantes que eu via diariamente, principalmente com a taxa de suicídio entre jovens aumentando cada vez mais. Fiquei pensando como poderia falar sobre o Rogério sem causar problemas com a direção e coordenação da escola, afinal essa era a minha fonte de renda. Na época, era a semana da Consciência Negra e os professores estavam engajados em atividades, eventos e oficinas relacionadas a essa data. Haveria um sarau naquela semana, e eu decidi falar sobre a morte. Totalmente referenciada pelo livro *Pedagogia da Encruzilhada*, de Luiz Rufino, escrevi sobre vida e sobre morte. Sobre como as duas não são opostas. Falei sobre ancestralidade. Somada a essa referência, inclui também uma perspectiva pessoal de como passei a ver a morte para assim falar de Rogério de maneira tímida, porém transgressora contra a imposição do silêncio que se deu naquele espaço. Aqui deixo um trecho do que li para dezenas de estudantes dispostos a ouvir naquele dia nublado:*

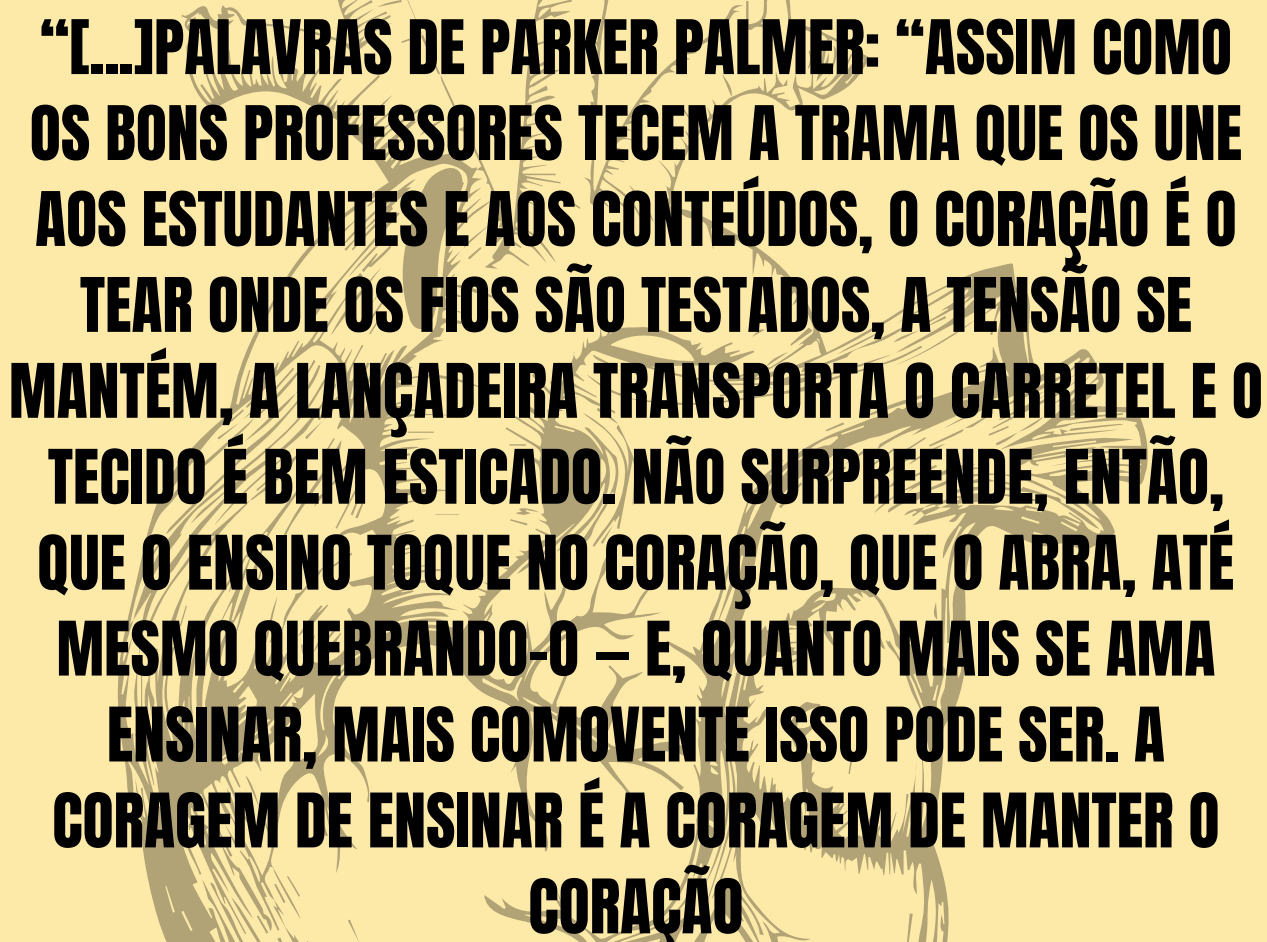
“O Atlântico é uma gigantesca encruzilhada. Por ele vieram, imantadas nos corpos pretos, memórias e experiências, que se deparando com a desterritorialização e o despedaçamento da cultura e da identidade de cada ser, reconstruíram-se das mais variadas formas possíveis.

A decorative border at the top of the page consists of numerous small, colorful, irregular shapes resembling confetti or streamers in shades of orange, yellow, green, blue, and pink.

Resistindo e reinventando a si mesmos, e, portanto, ao mundo. O Oceano é uma gigantesca encruzilhada. Nele, a morte foi driblada. Para grande parte das populações que o cruzaram, a morte só é vista como oposto da vida, de fato, quando há o esquecimento. Sempre pensamos que existe o começo e o fim. De acordo com essa sabedoria, estamos errados. Ao meu ver, nossos momentos caem à nossa volta como chuva. Ou confete. Já estivemos aqui, tantas vezes, de tantas maneiras, sem saber. Já posso lembrar do agora no mês que vem como se fosse hoje. Revivo e revejo tudo que passou diante de mim, e tudo que me foi passado por outros. Tudo que foi, não deixa de ser nunca e está sendo agora em algum outro lugar, em algum outro alguém. Pessoas nos cruzam e nos antecedem e suas marcas e ações permanecem, se reconstruindo sempre. Peço licença de novo e dedico também essas palavras, de celebração, lembrança e afirmação de infinitas existências a Rogério Barbosa da Silva.”

No exato momento em que pronunciei a palavra “chuva” no microfone, um chuvisco caiu em meu rosto. Ali meu coração soube que tinha feito alguma coisa certa em todo o meu caminho pela educação. A escola retomou o sentido que antes eu havia perdido de vista. Ali, de acordo com a minha espiritualidade, o mundo me comunicou através de um pingo d'água. Exu, Orixá das encruzilhadas que tanto citei no texto, agiu com seus feitios. Deixei o microfone muito emocionada. Mais tarde, um estudante chamado Miguel veio me dizer: “Foi muito bonito o que você disse, Ceci. Obrigado pelas palavras”.

**A ESTRUTURA por muitas
vezes estará posta, sim,
contra um olhar sensível e
humanizado nas diversas
salas de aulas do mundo. A
nós, educadoras, cabe uma
atenção e coragem intensas
nos processos de ensinar e
aprender junto aos
discentes.**



“[...]PALAVRAS DE PARKER PALMER: “ASSIM COMO OS BONS PROFESSORES TECEM A TRAMA QUE OS UNE AOS ESTUDANTES E AOS CONTEÚDOS, O CORAÇÃO É O TEAR ONDE OS FIOS SÃO TESTADOS, A TENSÃO SE MANTÉM, A LANÇADEIRA TRANSPORTA O CARRETEL E O TECIDO É BEM ESTICADO. NÃO SURPREENDE, ENTÃO, QUE O ENSINO TOQUE NO CORAÇÃO, QUE O ABRA, ATÉ MESMO QUEBRANDO-O – E, QUANTO MAIS SE AMA ENSINAR, MAIS COMOVENTE ISSO PODE SER. A CORAGEM DE ENSINAR É A CORAGEM DE MANTER O CORAÇÃO

ABERTO NAQUELES MOMENTOS EM QUE SE EXIGE DO CORAÇÃO AGUENTAR MAIS DO QUE ELE É CAPAZ, PARA QUE PROFESSORES E ESTUDANTES E CONTEÚDOS POSSAM SER TECIDOS DENTRO DA TRAMA DA COMUNIDADE QUE O APRENDIZADO E A VIVÊNCIA REQUEREM.”

(hooks, 2021, p. 59)

The background is a solid bright yellow. In the top-left corner, there are several overlapping, hand-like shapes in a vibrant orange color, reaching towards the center. In the bottom-right corner, there is a large, flowing, organic shape in the same orange color, resembling a splash or a stylized figure. The text is centered in the middle of the page.

**POR
PENSAR
NOVAS
FORMAS
DE
EDUCAÇÃO:**

**O DESEJO DE
APRENDER:**

**O MUNDO COMO
SALA DE AULA**

(hooks, 2021, p. 32)

“QUANDO EU ERA MENOR, VI MINHA MÃE... COM MEU PAI, ELE ERA AGRESSIVO COM ELA E DEIXAVA A GENTE PASSAR MUITA DIFICULDADE. MINHA MÃE TINHA QUE FAZER FAXINA PARA NOS MANTER, PARA DAR O QUE COMER PARA A GENTE. VIVÍAMOS SENDO DESPEJADOS POR ELE NÃO PAGAR O ALUGUEL DAS CASAS. QUANDO TINHA BRIGA, EU CORRIA E ME TRANCAVA NO BANHEIRO E PENSAVA: NÃO QUERO ISSO PARA A MINHA VIDA. FIQUEI ADULTA. CONHECI MEU EX-MARIDO ME FAZENDO PROMESSAS DE UMA VIDA SEM DIFICULDADE. PROMESSAS DE CASA PRÓPRIA. NESSA ÉPOCA ELE JÁ TRABALHAVA NA COSIPA MAS ERA MUITO SONHADOR. SAIU DA FIRMA, FEZ ACORDO, PARA TER SEU PRÓPRIO NEGÓCIO. SÓ QUE NÃO FOI FÁCIL. GASTOU TODO O DINHEIRO E VIERAM AS DIFICULDADES. FOMOS EMBORA PARA SÃO PAULO COM O INTUITO DE DIAS MELHORES. TRABALHEI DE CASEIRA, PAGUEI OS CURSOS PARA ELE. SEMPRE TRABALHANDO, E AS PROMESSAS LONGE DE ACONTECEREM. ENTÃO, A MINHA MÃE FALOU PRA MIM: VOCÊ VAI FICAR QUE NEM EU. E EU PENSEI: NUNCA! AÍ TOMEI UMA DECISÃO. VIM EMBORA E COMECEI MINHA VIDA DE NOVO. TRABALHANDO, CONSEGUINDO AOS POUCOS TER AS MINHAS COISAS, NÃO PASSANDO MAIS NECESSIDADE. PAGO MINHAS CONTAS EM DIA. SÓ ESTÁ FALTANDO A MINHA CASA PRÓPRIA. MAS NÃO DEPENDO MAIS DE NINGUÉM COM FALSAS PROMESSAS. ESSE ENSINAMENTO FOI A VIDA QUE ME DEU: NÃO DEPENDER DE NINGUÉM.”

Alcione Cristina Costa Marques

Diarista

“ENTRAMOS NA SALA DE AULA TRANSFORMADA PELAS MÃOS MÁGICAS DA NOVA PROFESSORA: AS CARTEIRAS ENCOSTADAS NAS PAREDES REVESTIDAS DE PAPEL MARROM. NÃO ERA MAIS UMA SALA, ERAM CAVERNAS EM QUE ENTRARÍAMOS E DESCOBRIRÍAMOS O QUE ERA ARTE RUPESTRE. A CAVERNA FOI NOSSO PRIMEIRO PORTAL PRA OUTROS ESPAÇOS-TEMPOS E OUTRAS FORMAS DE EXISTIR: FOMOS BRUXOS, PÁSSAROS, LUAS, PALHAÇOS, LENDAS, ARTISTAS DE UM ANTIGO CIRCO, DANÇARINOS, CANTORES... CRIAMOS NAVES ESPACIAIS, CENÁRIOS, FIGURINOS, COSTURAMOS BONECAS, PINTAMOS PAREDES, TELAS E TELHAS. FOMOS PARA AS RUAS, PRAÇAS, ESTRADAS E FAZENDAS. O MUNDO ERA O NOSSO LUGAR DE HABITAR, O REAL, E OS QUE INVENTÁVAMOS. ESCRREVEMOS E CONTAMOS INCONTÁVEIS HISTÓRIAS. ÉRAMOS CRIANÇAS-CRIADORAS ALEGRES EM AÇÃO, ALGUNS SE JUNTARAM E SE DENOMINARAM MENINOS DO PALCO. DESCOBRIMOS O QUE ERA CRIAR EM COLETIVO E COMO RESOLVER NOSSOS CONFLITOS. APRENDEMOS PELO FAZER, PELA LIBERDADE DE CRIAR. ÉRAMOS POTENTES E CAPAZES. SEMPRE ASSIM: A EXPERIÊNCIA, AS MÃOS NA MASSA, TODOS OS CORPOS INTEIRAMENTE ENVOLVIDOS.”

Ana Paula Chagas Pereira

Estudante de Licenciatura em Arte-Teatro

Fazer uma conclusão é sempre muito difícil, por que o que mais há a dizer quando tudo já parece ter sido dito durante todo esse caminho até aqui? Pensar nas vidas que vivemos e sabemos de todos os sujeitos que constroem a educação me parece ser uma boa escolha quando questionamos as estruturas educacionais vigentes e procuramos transformá-las. É claro que isso não é tarefa fácil e nem simples, por isso é preciso muita coragem e amor. Quando coração, reflexão e atitude se aliam, os educadores, tanto individualmente quanto coletivamente, podem criar uma realidade diferente e melhor para pelo menos um educando que temos algum contato. Como educadores, é muito difícil para nós vermos até que ponto nosso trabalho está fazendo diferença, de fato, nos sujeitos que nos perpassam. Nosso trabalho pode dar sim resultados no mesmo momento, mas em sua maioria eles são a longo prazo. Por isso, de tempos em tempos é essencial que avaliemos o que estamos fazendo, se aquilo faz sentido, se desejamos fazer alguma mudança, o motivo desse desejo e como podemos fazê-la. É importante que acreditemos na educação, nos educandos, em suas histórias e em suas importâncias. Todas essas histórias que nos rodeiam nos permeiam, e portanto, rodeiam e permeiam os educandos também. Significam e ressignificam. Pensar novas formas de educação nunca leva a uma conclusão porque é sempre um processo e caminho, no qual os educadores que desejam uma educação mais justa e livre sempre se encontram em diversos momentos de sua profissão. Não tenho uma resposta, tenho em minhas mãos apenas histórias.

Esse é o momento em que a Serena volta nesse trabalho. Como meu primeiro forte afeto dentro de uma escola, Serena correspondeu ao amor gratuito que eu nutria por ela. Ela sempre brincava e dançava comigo, da maneira que quisesse. Logo eu, que sempre tive um bloqueio muito forte com a dança. Ainda que admirasse a tentativa, me sentia rígida e presa ao dançar. Já Serena era livre pelo espaço ao toque de qualquer música que a animasse. E sempre que gostava do que ouvia vinha até onde eu estava e me dava as duas mãos pra que eu as segurasse e dançássemos juntas. E eu sempre dancei alegremente, com todas as minhas limitações, todos os seus pedidos. A dança preferida dela era a que eu segurava suas mãos dando apoio e equilíbrio para que ela pulasse com toda a força e velocidade que conseguia. Eram pulos e pulos de risadas, felicidade estampada no rosto e liberdade. Eu, feliz também de ser a mão estendida que dava suporte para essa brincadeira, sempre admirei essa cena em todas as vezes que ela se repetiu, como um ritual. Até que aquela educadora, que eu estava substituindo nesta turma até então, voltou. Uma partida se deu ali. Um sentimento de agradecimento puro e muito raro também. Me despedi das crianças com o coração na mão mas repleto de amor. A partir desse momento, em outubro de 2022, fui passando por muitas dificuldades no local de trabalho e no campo pessoal da minha vida. Em novembro fui a um festival de algumas bandas que gostava. Como todo festival, me diverti mas já estava muito cansada. Estava um sol de matar que sugava toda a minha energia. A última banda entrou pra fazer o show. Uma banda que eu gostava mas que conhecia, muito bem, poucas músicas. Eu nem sabia se minha música preferida iria ser tocada. Chegando no final do show deles, perdi as esperanças. Anunciaram que seria a última música do set. Reconheci os primeiros toques da guitarra. No momento em que o vocalista começou a cantar eu cantei junto. Talvez cantar nem fosse a palavra certa a ser usada porque naquele segundo eu estava gritando a música com toda a força das minhas cordas vocais e dos meus pulmões. Sem que eu percebesse o início desse movimento, comecei a pular. Pular no meio de uma arquibancada sem espaço, pular alto e sem parar mesmo que as batatas da minha perna queimassem e me pedissem pra o contrário. Gritei, de verdade. Pulei, de verdade. Até que o pulo e o grito tomasse conta de todo o meu ser. Até que tudo aquilo que eu

passava naquela fase da minha vida estivesse cuspidas e escarradas de dentro da minha garganta e pulmões. Pensei muito na Serena. Pensei no seu pequeno corpo parecendo estar flutuando no meio de pulos tão firmes. Me vi flutuar. Pensei muito na liberdade que eu sentia ali e que ela me ensinou a ter. Entre pulos e cantando acompanhando o som que ouvia, eu gritava, ainda que em inglês:

"Me deixe ir. O destino está me chamando"

Sempre me pergunto o que teria acontecido se eu não segurasse a mão dela quando me pedia. Será que eu viveria esse momento tão libertador e intenso como foi?

Esse capítulo de conclusão é o que contém mais histórias propositalmente. Histórias minhas e de outros, educadores, educandos, amores e desconhecidos. Esse fechamento não é um fim porque a partir dele nascem em mim muitas outras escutas e olhares para a educação. Espero também que alcance e faça nascer em outros. Espero que contar e escutar as vidas seja sempre uma opção, ainda que difícil diante de tudo que já expus aqui, para que as salas de aula e o mundo sejam mais vividos, e não para que passem por cima de nossas personalidades e nos façam sentir esmagados como muitas vezes nos sentimos. As histórias são as vidas. Atentá-las e absorvê-las exige movimento mas provoca mudanças e experiências valorosas demais para que não o façamos. As vidas são histórias.

Deixo aqui um mito de criação do povo Tchokwe, contado por uma pessoa muito querida, como sinal deste encerramento.

“A FORÇA DA CRIAÇÃO ESTAVA PENSANDO, CRIANDO, VIBRANDO, EMANANDO... QUANDO ELA CHAMOU O SOL. A CRIAÇÃO CHAMOU O SOL, DEU A ELE UMA GALINHA E FALOU: “SOL, VAI VIVER, VER, SENTIR, PENSAR E VOLTA AQUI AMANHÃ. VOLTA AQUI AMANHÃ PARA ME CONTAR TUDO O QUE VOCÊ VIU, TUDO O QUE VOCÊ VIVEU; TUDO O QUE VOCÊ SENTIU.”

E O SOL FOI. O SOL FOI VIVER. VIU, VIVEU, SENTIU, ENTENDEU E VOLTOU. VOLTOU NO AMANHÃ. O AMANHÃ DO SOL FOI 24 HORAS DEPOIS. O SOL VOLTOU E QUANDO A CRIAÇÃO OLHOU PARA ELE DISSE: “AH...SOL, VOCÊ VOLTOU! QUE BOM! QUE ALEGRIA!” E O SOL CONTOU TUDO PARA A CRIAÇÃO, QUE DISSE: “AH...QUE BOM OUVIR AS SUAS HISTÓRIAS...QUE BOM...(ESPANTO) E VOCÊ NÃO COMEU A SUA GALINHA?! A GALINHA CONTINUA VIVA?!?! TUDO BEM, NÃO TEM PROBLEMA NENHUM. MAS VAMOS COMBINAR ASSIM: VOCÊ VAI VOLTAR AQUI TODOS OS DIAS A CADA 24 HORAS. O SEU AMANHÃ SERÁ SEMPRE A CADA 24 HORAS E VOCÊ VAI VIR AQUI E VAI ME CONTAR TUDO O QUE VOCÊ VIVEU, OUVIU E SENTIU.”

E É POR ISSO QUE O DIA DESDE ENTÃO TEM 24 HORAS.

E AÍ VEIO A LUA ATÉ A CRIAÇÃO. A CRIAÇÃO OLHOU PARA A LUA E DISSE:

-LUA, VAI VIVER, VAI VER, VAI SENTIR, VAI PENSAR E TOMA AQUI ESSA GALINHA. VAI E VOLTE AQUI AMANHÃ.

E A LUA FOI. A LUA VIVEU, SENTIU, PENSOU, ENTENDEU. SÓ QUE O AMANHÃ DA LUA FOI 28 DIAS DEPOIS. E ELA VOLTOU ATÉ A CRIAÇÃO. QUANDO ELA VOLTOU, A CRIAÇÃO OLHOU PARA ELA COM ALEGRIA E DISSE:

-AH...LUA! VOCÊ VOLTOU.

E A LUA CONTOU, CONTOU, CONTOU... A CRIAÇÃO FICOU FELIZ E DISSE:

-AH, QUE BOM ESSAS HISTÓRIAS...QUE BOM...*(ESPANTO)* E VOCÊ NÃO COMEU A SUA GALINHA?! MAS TUDO BEM, TUDO BEM...A GENTE VAI COMBINAR O SEGUINTE: A CADA 28 DIAS VOCÊ VAI VOLTAR AQUI E VOCÊ VAI ME CONTAR ESSAS HISTÓRIAS. TUDO O QUE VOCÊ VIU, VIVEU E SENTIU.

E É POR ISSO QUE A LUA TEM FASES, SE TRANSFORMA. PASSA PELAS SUAS FASES A CADA 28 DIAS E DIZEM QUE QUANDO ELA ESTÁ NOVA É QUE ELA ESTÁ CONVERSANDO COM A CRIAÇÃO.

AÍ CHEGOU A VEZ DO SER HUMANO. O SER HUMANO FOI LÁ FALAR COM A CRIAÇÃO E QUANDO CHEGOU, A CRIAÇÃO DISSE:

-AH, SER HUMANO! SER HUMANO, VAI VIVER, SENTIR, VER, PENSAR E VOLTA AQUI AMANHÃ PARA CONTAR. OLHA, LEVA ESSA GALINHA PARA VOCÊ.

E O SER HUMANO FOI. MAS O SER HUMANO LOGO NO INÍCIO DA JORNADA COMEÇOU A TER FOME. MUITA FOME. E AÍ, ELE MATOU A GALINHA. COZINHOU E COMEU METADE DA GALINHA. SENTIU SONO...AÍ DORMIU. QUANDO ACORDOU, SENTIU MAIS FOME E COMEU O RESTANTE DA GALINHA...COMEU A GALINHA TODA E VOLTOU ATÉ A CRIAÇÃO. QUANDO CHEGOU, A CRIAÇÃO RECEBEU, ELE CONTOU TUDO O QUE TINHA VIVIDO, SENTIDO E PENSADO. A CRIAÇÃO FICOU FELIZ E DISSE:

- AH...SER HUMANO...*(ESPANTO)* ESTOU VENDO QUE VOCÊ COMEU A SUA GALINHA. VOCÊ COMEU A GALINHA INTEIRA?! VOCÊ... TUDO BEM. NÃO TEM PROBLEMA NENHUM, VOCÊ ESTAVA COM FOME E ERA PARA ISSO MESMO. MAS A GENTE VAI COMBINAR O SEGUINTE: TUDO NA VIDA TEM UM TEMPO E A PARTIR DE HOJE A GENTE VAI COMBINAR QUE VOCÊ TAMBÉM VAI TER O SEU TEMPO DE VIVER. O SOL E A LUA VÃO PODER VIVER POR MUITO MAIS PORQUE ELES DEIXARAM A GALINHA VIVA. VOCÊ VAI VOLTAR AQUI NESSE DIA, NO DIA EM QUE O SEU TEMPO DE EXISTÊNCIA, O TEMPO DE SUA FUNÇÃO NA VIDA FOR FINDANDO E É NESSE DIA QUE VOCÊ VAI VOLTAR AQUI E CONTAR TUDO O QUE VOCÊ VIVEU, SENTIU E EXPERIENCIOU.

E DIZEM QUE É POR ISSO QUE A GENTE TEM MEMÓRIA. QUE A GENTE DESENVOLVE A MEMÓRIA E TEM A CAPACIDADE DE GUARDAR E DE ESQUECER. PORQUE NO FINAL DO NOSSO TEMPO DE FUNÇÃO ESSE VAI SER O NOSSO GRANDE ATO:

NÓS VAMOS NOS ENCONTRAR COM A CRIAÇÃO E CONTAR TODAS AS NOSSAS HISTÓRIAS.”

Joice Jane Teixeira

Coordenadora da Coletiva N’Kinpa – Núcleo de Culturas Negras e Periféricas

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Exercícios de ser criança**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

DOMINGOS, Mariane A. Dos Santos; FARAGO, Alessandra Corrêa. **Organização do tempo e do espaço na Educação Infantil**. 2016. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/40/25042016155018.pdf>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando Comunidade: Uma Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

JORNAL, O Globo 16/08/2023 - ao vivo. **Festival LED - Luz na Educação debate o tema ao longo de dois dias no Rio**. Youtube. 1 vídeo (08 h, 12 min, 49 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aG7q8kPdJ1w>. Acesso em: 26 nov. 2023.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: Danças, Piruetas e Mascaradas**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

OLIVEIRA, Luiz F; CANDAU, Vera M. Ferrão. **Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil**. In: v. 26, n.01. p. 15-40. Belo Horizonte: Educação em Revista, 2010

OLIVEIRA, Inessa Silva de; FELIPE, Marina Klautau. **Um galo sozinho não tece uma manhã**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2019.

RODRIGUES JÚNIOR, Luiz Rufino. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2019.

SILVEIRA, Amanda P; GOULART, Mariléia Mendes. **Materialidades disponíveis para crianças bem pequenas na Educação Infantil do Município de Treze de Maio.** [202-]. Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Disponível em: <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/8865517a-17e7-4e15-8514-56b9e6f74317/content>.